

O QUE PRECISAMOS DE INFRAESTRUTURA PARA O DIGITAL NO BRASIL? MUITO ALÉM DOS GRANDES CENTROS




Jean Carlos Borges¹

O dinamismo sempre foi parte intrínseca do universo das telecomunicações, mas jamais havíamos enfrentado um cenário tão complexo, desafiador e repleto de oportunidades como temos hoje. Estamos diante de uma enorme onda de novas possibilidades que a economia digital trará em benefício para a sociedade. E, para aprender a surfá-la e aproveitá-la em todo o seu potencial, passaremos, como setor, por uma evolução muito maior, rápida e exponencial do que a que vivenciamos até aqui.

O momento atual é resultado de uma série de fatores, com peso significativo para as inúmeras e profundas transformações digitais exigidas pela pandemia em um período tão curto, somadas à proximidade do leilão 5G e ao novo mundo cheio de possibilidades que se abrirá após a sua realização. Tudo isso tem exigido soluções robustas de infraestrutura de telecomunicações, tanto para atendermos ao aumento na demanda quanto para nos prepararmos para as novas tecnologias e aplicações que estão surgindo e ainda surgirão nas mais diversas áreas, como saúde, transporte, educação, indústria, entre outras.

A expansão das redes de fibra óptica é indispensável para que a sociedade continue evoluindo nesse percurso, e fazer isso além dos grandes centros urbanos é a maior urgência que temos hoje para que o Brasil de fato avance na economia digital.

Costumo dizer que o Brasil é formado de vários e diferentes “Brasis”. Mesmo estando tão próximos da introdução da tecnologia de quinta geração, ainda temos cerca de mil municípios sem backhaul² de fibra óptica, a maioria desses localizados nas regiões Norte e Nordeste, conforme apontado pela Anatel.



Outro dado é que pouco mais do que 20% do espaço agrícola brasileiro possui algum nível de cobertura por internet, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Considerando que o Brasil já é uma das principais potências mundiais no agronegócio, imaginem só o que aconteceria com a produtividade e eficiência do agregado total do agronegócio brasileiro caso essa cobertura alcançasse 100%.

Acelerar esse processo, levando o direito à conectividade para as populações de localidades remotas, é imprescindível para diminuirmos o tamanho do *gap* digital do nosso país, gerando menores desigualdades e mais oportunidades para todos. Nesse sentido, os pequenos provedores locais e regionais têm desempenhado papel imprescindível, sendo fundamentais para a universalização do acesso à banda larga sobre fibra.

O Brasil tem cerca de 5.600 municípios, com no máximo 500 cidades representando quase todo o nosso Produto Interno Bruto (PIB).

Se continuarmos olhando apenas para os centros econômicos mais relevantes, quando esses mais de cinco mil municípios terão acesso a serviços compatíveis, em preço e qualidade, aos que são oferecidos nas maiores cidades?

Mais uma vez, relembro aqui a existência de muitos “Brasis” e que só conseguiremos avançar quando abraçarmos essa heterogeneidade e investirmos em modelos para a democratização da conectividade e, portanto, da internet e de todas as suas potencialidades (por exemplo, digitalização, comunicação, conteúdo, informação etc.).

Com o 5G, temos dois caminhos possíveis: aprofundar ou diminuir o *gap* digital. As oportunidades que temos pela frente são imensas. De acordo com estimativas da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e da consultoria KPMG, a implementação da tecnologia de internet móvel 5G no Brasil tem o potencial de gerar um impacto de mais de US\$ 100 bilhões de dólares no Produto Interno Bruto (PIB) do país na próxima década. Para isso, será necessária uma infraestrutura adequada de antenas, *data centers*, cabeamento e *backbones* de fibra óptica – multiplicação relevante em relação à infraestrutura que temos hoje.

No entanto, o avanço do 5G no país também dependerá da participação dos provedores regionais no leilão das frequências. Sem eles, as localidades remotas ou não terão acesso a todas as oportunidades que essa nova tecnologia poderá oferecer ou, num cenário otimista, demorarão anos (quem sabe, até uma década) para acessarem.

Sobre isso, entendemos que a Anatel, seguindo as diretrizes políticas do Ministério das Comunicações, acertadamente elaborou um edital para o 5G que, pela primeira vez na história das telecomunicações móveis, tenta endereçar o desafio da lacuna digital nacional, com condições para a participação das Prestadoras Regionais de Pequeno Porte (PPPs) e não somente os blocos nacionais.

As perspectivas, pela forma como foi desenhado o leilão, com blocos regionais e nacionais, são bastante positivas. Também o edital 5G elaborado trouxe um viés não-arrecadatório, mas sim focado em obrigações, para viabilizar rapidamente a sua implantação e levar a conectividade para municípios de baixa densidade populacional. Graças a essas visões, vislumbra-se a chance real de que a velocidade de disponibilidade do serviço seja semelhante entre as maiores e menores cidades.

Com isso, teremos uma excelente oportunidade de conseguir uma equação menos desequilibrada, construindo a infraestrutura necessária para levar a tecnologia mais moderna muito além dos grandes centros. Só assim conseguiremos capitalizar ao máximo todos os impactos positivos que a economia digital pode proporcionar para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Precisamos aproveitar a tecnologia 5G para dar um salto no desenvolvimento do nosso país. Teremos a oportunidade de aumentar a produtividade e eficiência do setor público e privado e levar melhores serviços para nossos cidadãos, por meio da digitalização. Assim, serviremos cada vez melhor a nossa sociedade, acreditando sempre no nosso Brasil e contribuindo cada vez mais para que essa 4ª revolução industrial aconteça.



Jean Carlos Borges

É o CEO/Presidente da Algar Telecom desde 2015. Com mais de 15 anos de empresa, entre 2011 e 2015, atuou como Vice-Presidente de Operações, sendo responsável pelas áreas relacionadas a vendas, marketing, tecnologia, operações, compras, atendimento e processos dos clientes, ou seja, por todas as áreas diretamente responsáveis pelo P&L da companhia. Previamente, atuou como diretor de Estratégia e Governança, cuidando da estrutura jurídica, suporte e projetos de TI, assessoria estratégica, relacionamento comercial por atacado de telecomunicações e diretor de PMO da Algar Telecom. Entre os anos de 2003 e 2008, foi diretor Financeiro e Administrativo da Companhia.

É um profissional com relevante experiência no desenvolvimento e crescimento de negócios. Possui formação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Uberlândia, além de vários programas de extensão nas áreas Administrativa, Contábil, Mercadológica e Gerencial. Nestes programas de extensão, destacam-se o MBA Executivo focado em Gestão, Estratégia, Liderança, Governança e Finanças pelo IMD e o programa de Gerente Geral, Negócios, Gestão, Marketing, Estratégia, Inovação e Negociação (GMP - General Management Program) pela Harvard Business School.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 Com a colaboração de Thalita Fleury.
- 2 *Backhaul* é a porção de uma rede hierárquica de telecomunicações responsável por fazer a ligação entre o backbone, ou o núcleo da rede, e as sub-redes periféricas.